



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17222 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

Jovens mulheres camponesas inseridas na Educação de Jovens e Adultos: desafios e possibilidades na escolarização

Maria de Fátima Pereira Carvalho - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Talita da Silva Souza - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPESB

1. INTRODUÇÃO

A complexa teia de questões históricas, sociais e econômicas que perdura na sociedade ainda afeta a maneira como a mulher é vista, apesar dos avanços notáveis alcançados por meio dos movimentos sociais e outras manifestações, a depreciação ainda permanece constante e se configura por meio da desigualdade social, disparidade salarial, assédio, violência e outras questões. Em se tratando da educação escolar, sabemos que é uma das chaves para nos tornarmos cidadãos/ãs conscientes e capazes de compreender e intervir no mundo a nossa volta. Diante disso, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) enquanto modalidade que oportuniza a escolarização para os indivíduos que não concluíram seus estudos na idade regular tem contribuído para que as mulheres construam trajetórias mais sólidas e alcancem sonhos que, segundo os ditames sociais, não seriam possíveis a elas.

Contudo, é relevante destacar que ser camponesa e estudante da EJA, intensifica ainda mais a situação de invisibilidade social da mulher. Isso porque, nesta modalidade de ensino as jovens em sua maioria são pobres, pretas e mães, as quais enfrentam o peso da desigualdade de gênero, de raça e de classe cotidianamente (Carvalho, 2021). Mulheres como essas, das classes populares, foram por muito tempo restritas aos processos de escolarização, pois, desde muito cedo sua prioridade era as atividades domésticas, o cuidado com os/as irmãos/ãs e o trabalho na roça. Dessa forma, procuramos mediante a este trabalho preencher uma lacuna nas pesquisas acadêmicas que falam sobre as jovens camponesas estudantes da EJA, visto que no levantamento realizado para a pesquisa de Iniciação Científica “Os sentidos e significados atribuídos à escolarização na vida de jovens camponesas inseridas na EJA no município de Matina-BA”, nos repositórios de pesquisa da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação-ANPEd, Periódicos CAPES e o Google Acadêmico, com recorte

temporal de 2013 a 2023, há um número relativamente baixo de produções sobre jovens mulheres camponesas. Além do mais, dialogar sobre a invisibilidade social da mulher e as relações de gênero faz-se necessário para reverberar discussões que possam romper com paradigmas construídos ao longo da história, acerca da figura feminina.

Perante o contexto atual das matrículas realizadas na EJA, ressaltamos que a mulher brasileira vem ocupando cada vez mais os espaços escolares, podemos observar tal fato mediante os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira-INEP, o qual aponta que no ano de 2023, a nível de Brasil, Nordeste e Bahia, há um número maior de mulheres matriculadas na EJA que de homens. Sendo no Brasil, 1.343.126 mulheres e 1.246.689 homens, no Nordeste, 681.229 mulheres e homens 615.872, na Bahia, 203.942 mulheres e 196.067 homens. Esses dados nos fazem refletir e questionar quais fatores contribuíram para a volta dessas mulheres à sala de aula? E quais impediram às mesmas durante muito tempo de estarem na escola?

Considerando o exposto, este trabalho, recorte da pesquisa de Iniciação Científica “os sentidos e significados atribuídos à escolarização na vida de jovens camponesas inseridas na EJA no município de Matina-BA” visa discutir os desafios e possibilidades que as jovens mulheres camponesas enfrentam para dar continuidade ao processo de escolarização.

Para termos metodológicos, o estudo em questão pauta-se em uma pesquisa qualitativa que, de acordo com Minayo (2009) se configura como um meio de entender a realidade social dos sujeitos, ouvindo as vivências compartilhadas através de suas crenças, valores e atitudes, buscando em cada um deles, os significados das experiências vividas.

Mediante essa abordagem, usamos como instrumento para a coleta de dados, a entrevista semiestruturada, realizada com duas jovens mulheres advindas do campo, com idade entre 18 e 29 anos, regulamente matriculadas na EJA. É importante frisar que, afim de mantermos o anonimato e preservarmos a identidade das participantes, utilizamos nomes fictícios recomendados pelas mesmas.

Para fins de organização, o texto encontra-se dividido em duas seções, na primeira apresentamos como a escolarização aparece na vida das jovens mulheres pesquisadas. E na segunda, discutimos as relações de gênero, que aparece como uns dos desafios enfrentados por elas nesse processo, além disso, apresentamos as considerações finais com os principais resultados da pesquisa.

2. “DA ESCOLA PRA MINHA VIDA EU ESPERO UM FUTURO MELHOR”: O lugar da escolarização na vida de jovens mulheres camponesas

A escolarização segundo Bastos, Ferreira e Pereira (2011) é um conceito amplo e diversificado, eles/a afirmam que “para a maioria dos autores significa considerar a escolarização como uma relação que se dá no meio escolar ou a partir dele, com estratégias

de ensino, de aprendizagem e de socialização, ofertada ao educando por intermédio de uma instituição educacional” (Bastos, Ferreira e Pereira, 2011, p.155). Assim, compreendemos que escolarizar não é apenas frequentar a escola, mas sim garantir que os indivíduos concluem seus estudos, tenham seus direitos à educação validados, e que todo o processo que permeia o ensino-aprendizagem na EJA, ocorra de forma pensada para e com os sujeitos da EJA.

Sendo assim, se submeter aos processos de escolarização na EJA é algo difícil, principalmente, para mulheres camponesas, pois este processo “se dá em um cenário de desafios que pedem uma concepção de educação que extrapole a escolarização formal e exija novas fronteiras para a construção do conhecimento, através de uma educação permanente e voltada para a vida” (Bastos, Ferreira e Pereira, 2011, p.156). Concordamos com os/a autores/a, visto que, além de estudar as mulheres ainda desempenham outros papéis os quais foram atribuídos a elas, principalmente o de cuidar da família e do lar, reconhecemos que conciliar tais atividades se configura como algo mais complexo.

Ao realizar as entrevistas com as duas jovens camponesas, compreendemos que a escolarização ocupa um lugar de inúmeras possibilidades em suas vidas, como por exemplo, um futuro melhor com melhores condições de trabalho. Podemos observar isso na fala de Carla, uma jovem camponesa de 24 anos, casada e que foi mãe ainda na adolescência: “*Da escola pra minha vida eu espero um futuro melhor; quero conseguir muita coisa pela frente, com o estudo, né? Um emprego melhor... [pensa], isso. Pretendo continuar e fazer um curso de técnica de enfermagem, ser alguém na vida, com o curso que é um curso que eu gosto*” (Carla, entrevista, 2024). Ainda sobre sua escolarização ela ressalta:

Meus planos é ter um futuro melhor; ter mais filhos e ser alguém melhor. Pois a escola muda a vida da pessoa. Pra formar, e lá na frente a gente ter um futuro melhor; um estudo melhor; um trabalho melhor; né? [...] O que me motiva é porque o pessoal da minha família nunca teve uma vida melhor; agora eu vou ser pelo menos alguém na vida, né? [risos] (Carla, entrevista, 2024).

A perspectiva de construir um futuro é mencionada através da realização de se tornar “alguém na vida”, cursar técnico em enfermagem, alcançar um emprego melhor e conseguir boas condições sociais.

Além de Carla, a segunda entrevistada Priscila de 25 anos, solteira, residente do campo e mãe de um filho, também ver na escola chances para mudar de vida, porém não quer continuar os estudos, pretende apenas concluir o ensino médio, diz ainda que só voltou a estudar para incentivar o filho, pois, não quer que ele desista da escola algum dia. “*Eu pretendo me formar, pra ver se eu consigo um emprego melhor, se eu arranjo um emprego pra eu trabalhar; e daqui uns três anos, eu quero está trabalhando numa escola, numa loja, qualquer serviço*” (Priscila, entrevista, 2024). Além, de querer dar bom exemplo ao filho, Priscilla também almeja um emprego melhor, que na sua visão, só será possível através da escola.

Diante das vozes dessas jovens, percebemos o quão singular deve ser o currículo da EJA, pois acolher e atender às especificidades dessas mulheres é uma função da escola, e na modalidade de educação de pessoas jovens e adultas, ainda carece de atenção e políticas públicas que contemplem a realidade e singularidades dos sujeitos nela inseridos/as.

3. JOVENS MULHERES CAMPONESAS NA EJA: As relações de gênero como desafio no processo de escolarização

Tecer discussões que envolvem as jovens mulheres camponesas, supõem primeiramente, compreender os conceitos de juventudes e de gênero, categorias estas historicamente construídas e, que variam entre grupos sociais distintos.

Nos estudos de Carvalho (2021), a juventude é entendida como uma “categoria social heterogênea”, que necessita ser compreendida individualmente de acordo com as singularidades socioeconômicas, culturais e geracionais de cada grupo juvenil. Nessa mesma direção, Marques (2019) diz que a juventude está ligada à realidade das sociedades em que múltiplos indivíduos estão imersos.

Assim, compreendendo a pluralidade das juventudes existentes como destacam as autoras, é importante ressaltar que durante muito tempo, as juventudes camponesas como um todo viveram em condições de invisibilidade social. Isso por fatores, como poucas escolas no campo, envolvimento na produção familiar ainda muito cedo, casamento precoce e, ainda a falta de atividades de lazer, Freitas e Leão (2011).

Percebemos que tais estigmas que marcam os/as jovens do campo, intensificam-se ainda mais quando o assunto é a mulher camponesa, pois, além de “serem mulheres (este é o marcador principal da desigualdade), mas também por serem, em muitos casos, pobres, negras e moradoras de comunidades distantes das sedes dos municípios. Por estes aspectos, são colocadas em um lugar de inferioridade social” (Marques, 2019, p.31).

Diante dessa realidade demarcada pela autora, outro elemento que atravessa a vida dessas jovens são as relações de gênero, um marcador que se enraizou nas estruturas da sociedade atribuindo atividades assistencialistas e afazeres domésticos apenas para a figura feminina. Sobre isso, é importante frisar que as questões de gênero vão muito além de definir perspectivas biológicas entre sexo masculino e feminino

"No gênero, a prática social se dirige aos corpos". O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são "trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico (Robert Connell 1995, p. 189 apud Louro, 1997, p.6)

O conceito de gênero está ligado à construção social dos sujeitos nas sociedades, e não às características biológicas. Vale ressaltar, que essas questões são construídas

principalmente, através das relações de poder que moldam diante de um determinado contexto social, quais culturas, afazeres, comportamentos e direitos, que ambas as figuras detêm em seu meio social. Enveredando por esses caminhos, é importante compreender

[...] que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem (Louro, 1997, p.7).

Ainda, para essa autora, gênero é um elemento das relações sociais, presentes em diferentes grupos, como por exemplo, a dominação masculina diante da feminina que fundam suas vertentes no sistema patriarcal de poder e de direitos do homem acima da mulher.

Para tanto, XXX (2021) evidencia que fatores relacionados a gênero têm interferido na participação da mulher na escola, sobretudo no campo da EJA. Percebemos isso durante as entrevistas, em que as questões de gênero aparecem camufladas nos modos de vida das jovens camponesas pesquisadas, como no caso de Carla, que desistiu da escola por cinco anos por causa da gravidez: *“Já desisti da escola por cinco anos, eu engravidei e não podia estudar, [risos] fiquei com vergonha de vir por conta que eu estava grávida, eu estudava à tarde, nem pensei em vir pra EJA. Ai eu desisti e voltei agora, neste ano”* (Carla, entrevista, 2024).

A gravidez na adolescência ainda no processo de escolarização, afetou ambas as jovens, as mesmas relataram que só voltaram a frequentar a escola por incentivo da família, que ofereceram suporte para cuidar dos/as filhos/as. A gestação e o cuidado com os filhos aparecem na vida das jovens estudantes da EJA como um dos principais marcadores de interrupção da trajetória escolar. Fato esse que continua se concretizando com o passar dos anos.

Em um dos depoimentos, percebemos também as duras jornadas de trabalho das jovens, que trabalham dentro e fora de casa realizando atividades com baixa valorização, em condições precárias: *“Eu trabalho em casa de família cinco horas por dia e ganho 300 reais por mês, quando eu tenho um tempo livre eu cuido da minha casa”* (Carla, entrevista, 2024).

“Atualmente eu fico em casa mesmo cuidando da casa, não trabalho fora. Só em casa mesmo cuidando do serviço de casa” (Priscila, relato oral, 2024). Percebemos que nas duas entrevistas, tanto Carla que possui um emprego remunerado, quanto Priscila que à época da pesquisa não tinha uma renda extraída de serviços fora de casa, não identificam nas estruturas sociais os resquícios da hierarquia de gênero, que atribuem o trabalho doméstico à mulher.

Nesse sentido, Eiterer, Dias e Coura (2014, p.168) assinalam:

Efetivamente, o trabalho feminino se caracteriza, em grande parte, como de cuidado e dentro dessa categoria encontra-se o trabalho doméstico. Na sua dupla natureza, como trabalho remunerado e não remunerado, o trabalho doméstico é, em grande parte, trabalho de natureza reprodutiva. Diferentemente do trabalho produtivo, considerado sincrônico, cuja natureza é definida por ter claramente demarcado um início e um fim, o

trabalho reprodutivo é diacrônico, ininterrupto, invisível. Ele transborda fronteiras, frequentemente a mulher-mãe concilia a tarefa de cuidado da prole, monitorando a rotina da casa desde seu trabalho remunerado.

Essa tensão relacionada à divisão sexual do trabalho, ainda é muito presente em comunidades camponesas, as mulheres que decidem voltar à escola se veem em um cenário de sobrecarga de atividades, que ocasiona muitas vezes, a evasão escolar.

À vista disso, compreendemos que o processo de escolarização de jovens mulheres camponesas inseridas na EJA possui múltiplas facetas, desafios e desigualdades. A disparidade nas relações de gênero é tamanha, e interfere diariamente no dia-a-dia da mulher da classe popular que busca na escola, a superação das condições impostas a ela pelos padrões culturais machistas, misóginos e sexistas, vinculados a uma sociedade patriarcal.

4. CONSIDERAÇÕES IN (CONCLUSIVAS)

Diante do exposto percebemos que as mulheres ao longo da história, foram atravessadas por inúmeras desigualdades que ainda hoje penduram e afetam, principalmente, os processos de escolarização de jovens mulheres camponesas inseridas na modalidade de educação de pessoas jovens e adultas, cujo o perfil é subalternizado e invisibilizado frente a fatores socioeconômicos, geracionais, patriarcais e raciais na sociedade brasileira.

Diante dessa realidade, a qual procuramos analisar mediante entrevistas semiestruturadas com duas jovens mulheres camponesas, os desafios enfrentados e as possibilidades vistas e almejadas por elas na volta aos estudos, foi possível compreender que as mesmas buscam por meio da escola, melhores condições de vida e de trabalho. Para elas, submeter ao processo de escolarização significa lutar por um futuro melhor, e vencer as barreiras sociais existentes.

Identificamos também, que a maioria das interrupções durante o processo de escolarização de jovens, aconteceram por conta da gravidez ainda na adolescência. Além disso, outro fator que prolonga deveras esse afastamento, são as questões de gênero, visto que, as mulheres se debruçam nas atividades assistencialistas de cuidado com os filhos/as e trabalho doméstico dentro e fora de casa. É notório também destacar, que a “naturalização” sexual do trabalho no campo ainda é muito forte, o que as fazem pensar que esses deveres são exclusivamente da mulher, enraizando cada vez mais esse construto social.

Contudo, acreditamos que a escola é um importante ambiente para desnaturalizar essas questões, entretanto esse espaço, principalmente no campo da EJA, ainda há lacunas ao considerar os sujeitos na sua integralidade.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Ludmila Corrêa. FERREIRA, Luiz Olavo Fonseca. PEREIRA, Júlio Cesar Matos. Escolarização. In: SOARES, Leôncio (org.). **Educação de Jovens e Adultos: que revelam as pesquisas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p.149-181.
- CARVALHO, Maria de Fátima Pereira. **As jovens mulheres na educação de jovens e adultos e a constituição de seus projetos de vida**. 2021. 200 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.
- EITERER, Carmem Lucia. DIAS, Jacqueline D’arc. COURA, Marina. Aspectos da escolarização de mulheres na EJA, **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 32, n. 1, p. 161-180, jan./abr. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2014v32n1p161>
- FERREIRA, Brancolina, ALVES, Fábio. Juventude rural: alguns impasses e sua importância para a agricultura familiar. In: CASTRO, J. A; AQUINO, L. (Org.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Texto para discussão n. 1355. IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) Brasília, abr. 2008
- FREITAS, Cristiane Beijamim de. LEÃO, Geraldo. Ser jovem no campo: dilemas e perspectivas da condição juvenil. In: SILVA, Isabel de oliveira. LEÃO, Geraldo (orgs.). **Educação e seus autores: experiências, sentidos e identidades**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p.141-159.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2023**. Brasília: Inep, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/acesso-a-informacao/dados-abertos/sinopses-estatisticas/educacao-basica> . Acesso em: 15 de março de 2024.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista. **Vozes**, Petrópolis, RJ, p. 14-36, 1997.
- MARQUES, Tatyane Gomes. Um. **Um pé na roça - outro na Universidade**: experiências de acesso e permanência de jovens mulheres da roça na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). 2019. 366 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria métodos e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.